



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

EVANDRO TEIXEIRA
O CLIQUE DO FOTOJORNALISMO BRASILEIRO

VIVIANE BOTELHO LOURO PEREIRA

Rio de Janeiro
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

EVANDRO TEIXEIRA
O CLIQUE DO FOTOJORNALISMO BRASILEIRO

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

VIVIANE BOTELHO LOURO PEREIRA

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz

Rio de Janeiro
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia, **Evandro Teixeira, o clique do fotojornalismo brasileiro**, elaborada por Viviane Botelho Louro Pereira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Cristiane Henriques Costa

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Me. Dante Gastaldoni

Mestre em Comunicação, Imagem e Informação – UFF

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFF

Rio de Janeiro
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

BOTELHO, Viviane.

Evandro Teixeira, o clique do fotojornalismo brasileiro. Rio de Janeiro, 2016.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todas as almas fotográficas que, com magistral talento e empenho, permanecem na nobre função de ilustrar o mundo para o mundo.

AGRADECIMENTO

Primeiro a Deus, sem o qual eu nada seria.

À minha família por nunca faltar em apoio e amor em toda a minha caminhada de vida até aqui.

Ao Evandro, com honras, por compartilhar com tanto entusiasmo e carinho a incomparável história de sua vida.

Aos conselhos e estímulos essenciais dos amigos mais próximos durante o desenvolvimento deste projeto, Marina Vilhena, Caroline Alves, Victor Gomes.

À ajuda inestimável da Taisa Martins.

Ao talento único do João Vitor.

BOTELHO, Viviane. **Evandro Teixeira, o clique do fotojornalismo brasileiro**. Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho tem como proposta a produção de um videodocumentário sobre a vida e obra do fotojornalista Evandro Teixeira, premiado e mundialmente reconhecido. O projeto se estrutura a partir de uma entrevista com o próprio fotógrafo, na qual conta detalhes de sua carreira e vida, da infância à aposentadoria no Jornal do Brasil. A intenção foi registrar a trajetória de Evandro no jornalismo brasileiro e o registro fotográfico de fatos históricos em momentos de grande efervescência política e social no país, ora durante os confrontos e protestos da ditadura, ora em meio ao carnaval brasileiro. A produção contou com cerca de duas horas de entrevista e também utilizou parte do acervo do fotógrafo para ilustrar o vídeo. Muitos dos registros de Evandro são ícones do universo imagético da história contemporânea do país. Elas estão em livros de história e em museus espalhados pelo mundo. Em *Evandro Teixeira, O Clique do Fotojornalismo Brasileiro* pretende-se dar voz ao fotógrafo que deixou impressa em sua obra o suor, a aflição, a responsabilidade, mas também a pureza, o romantismo, a sensibilidade e a satisfação de ter o fotojornalismo como estilo de vida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. O CABURÉ	4
2.1 O caminho do menino levado.....	4
2.2 O caminho do fotojornalista.....	8
3. ROTEIRO DE PRODUÇÃO.....	16
3.1 Produção.....	16
3.2 Gravação e Captação de Imagens.....	17
3.3 Som.....	18
3.4 Roteiro de Edição.....	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
5. REFERÊNCIAS.....	22
6. ANEXOS.....	24

1. INTRODUÇÃO

Evandro Teixeira nasceu no interior da Bahia em 1935 e viria a se tornar um dos mais renomados fotógrafos da atualidade. Desde pequeno, o menino Evandro já mostrava que veio para deixar peculiaridades no mundo. Era sempre muito inquieto e arteiro, mas caía na graça da vizinhança com suas meninices, fosse causando a arruaça rotineira e deixando a mãe de cabelo em pé, fosse criando um cinema improvisado para chamar a atenção dos curiosos e desde já mostrando seus dons. Não gostava da vida e do trabalho de roça e se imaginava, no mínimo, indo para a cidade grande descobrir o que o mundo lá fora esperava para mostrá-lo. As novidades que ouvia no rádio, seu único meio de conexão com o mundo afora de seus limitados domínios interioranos, eram sua maior fonte de motivação e inspiração. E ele não tardaria a ir embora para descobrir na fotografia o seu propósito e missão de vida.

Guiados por amigos cruciais que fez ao longo de sua vida, como Manoel Pinto, Walter Lessa, Teotônio Rocha, Nestor Rocha, Angelo Regato, entre outros, Evandro Teixeira teve o privilégio de aprimorar em muito seu talento e soube aproveitar as oportunidades certas que lhe foram colocadas no caminho. Uma delas foi ganhar a vida no Rio de Janeiro e a outra foi começar a trabalhar no *Jornal do Brasil*. Foi principalmente como repórter fotográfico do *JB*, mais do que em qualquer outro período de sua vida, que Evandro soube fazer história. E fez história tanto na fotografia quanto no jornalismo brasileiro.

A vida e carreira de Evandro são fundamentais para entender e testificar o quanto a fotografia unida ao jornalismo é fundamental para reforçar a veracidade da narração dos fatos em questão e o quanto tem a capacidade de transmitir aquilo que, apenas em palavras, não seria possível. O poder informativo de uma boa imagem atrelada a um texto começou a se mostrar evidente no início do século XX. Antes, na publicação de uma fotografia em um periódico, aquilo que tinha maior importância eram a nitidez e reprodutibilidade, mas, nesse momento, o que mais passou a se tornar importante era o caráter noticioso da imagem em si (CAMPOS; 2007, Pág. 34).

Dessa forma, a foto começou a ganhar mais espaço e mais destaque nas publicações e é na Alemanha da década de 20 que floresceu a nova imprensa ilustrada. No centro dessa “nova imprensa ilustrada”, a imagem deixou de ser mera ilustração da matéria para se tornar a notícia em si ou parte dela. As articulações entre texto e imagem

configuraram o que realmente se pôde chamar de fotojornalismo. (CAMPOS; 2007, Pág. 34)

O texto escrito acompanhava a imagem como apoio, que no mais das vezes, amplificava o caráter ideológico da mensagem fotográfica. Daí as reportagens serem sempre feitas por um jornalista, responsável pelo texto escrito, e por um repórter fotográfico, encarregado das imagens, ambos trabalhando conjuntamente. (MAUAD, 2004)

É também na década de 20 que os repórteres de fotografia começaram a chegar nas redações brasileiras. Mas é só no final da década de 50, em 1958, que Evandro Teixeira deu início à sua carreira como repórter fotográfico, primeiro no *Diário da Noite*, e depois, então, cinco anos depois, no *Jornal do Brasil*, onde cobriu os principais eventos políticos, sociais e esportivos do Brasil e do cenário mundial (CAMPOS; 2007, Pág. 47).

Conhecer a trajetória de Evandro é perceber o notável desenvolvimento do fotojornalismo, principalmente no Brasil, bem como a relação dos repórteres fotográficos com os demais profissionais da profissão jornalística. A importância que o fotógrafo dentro das redações passou a ter foi evidente, uma vez que costumava ser considerado supérfluo e colocado em segundo plano. Evandro, dentro do *JB*, participava diretamente das decisões sobre o que seria publicado no jornal.

Segundo relato de Evandro Teixeira, a rede produtiva no *Jornal do Brasil* funcionava de maneira integrada, sempre na busca de procedimentos interpretativos mais finos, em um diálogo explícito entre o repórter fotográfico, o editor de fotografia e o diretor de redação, construindo, assim, uma integrada relação do pensamento. (FÁVARO; 2011, Pág. 14)

A escolha de tratar a vida e carreira de Evandro Teixeira nesse trabalho escrito e documentado tem a finalidade de reforçar a real e devida importância que a fotografia deve receber e, de fato, conquistou dentro do jornalismo. Em meio a um século em que nos deparamos com o uso excessivo e banalizado da fotografia, esse trabalho, usando a trajetória de Evandro como exemplo, procura lembrar que é preciso que seja salientada a responsabilidade que os fotojornalistas têm em sua profissão e o árduo caminho que percorreram e ainda percorrem em busca do melhor enquadramento, do melhor ângulo,

do melhor momento, do clique ideal que irá ilustrar os fatos que percorrerão o mundo e informarão uma nação. E isso não é fácil, não é para qualquer um e existem dias bons e dias ruins.

O repórter fotográfico se confronta com assuntos os mais diversos e no mesmo dia. Enfrenta condições de trabalho completamente diferentes com colegas variados. É portanto muito normal que nem sempre ele forneça um trabalho com a mesma qualidade. (LIMA; 1989, Pág. 26)

O segundo capítulo deste trabalho é subdividido em dois, sendo o primeiro dedicado a contar a infância de Evandro Teixeira e como o menino já mostrava ser peculiar em seus gostos e pensamentos. O segundo subcapítulo já tem o texto focado nos momentos mais marcantes da carreira do fotojornalista, desde seu primeiro estágio ainda na Bahia ao auge de sua carreira no Rio de Janeiro, onde se tornou notório principalmente por seu trabalho no *Jornal do Brasil*.

O Roteiro de Produção esmiúça, no terceiro capítulo, todo o processo de desenvolvimento da parte prática deste projeto, o qual resultou no videodocumentário de 18 minutos sobre a vida de Evandro. Este capítulo se importa em detalhar a produção, a gravação e captação de imagens, o som e o roteiro de edição, para depois dar prosseguimento às considerações finais.

2. O CABURÉ

As características do trabalho de Evandro Teixeira trazem a marca de uma vida de interior insatisfeita com as limitações de seu convívio. Por conta de sua inquietude e do olhar ingênuo de quem nunca viu o mundo lá fora, Evandro foi capaz de manter em suas fotografias esse olhar com nova perspectiva. A peculiaridade do seu trabalho esteve exatamente em conseguir repassar o sentimento de estranheza e o impacto daquilo que se tornou comum aos olhos da maioria.

Tanto ao longo de sua infância, quanto de sua vida adulta, Evandro foi capaz de mostrar que seu coração e sua paixão pela fotografia determinavam seus passos, por vezes, incertos. Apesar de momentos de medo e receio, sua autenticidade e obstinação não deixavam que esses sentimentos fossem barreiras que o impedissem de se aventurar pelo desconhecido. Foi dessa forma que aprendeu muito com a vida e refinou ainda mais seu olhar crítico e artístico, que ficaram evidentes em suas obras.

O conjunto das imagens de Evandro Teixeira revela que as opções da composição dessas fotografias - tanto no que se refere ao ponto de vista quanto ao enquadramento, que estão diretamente relacionadas à composição e organização dos elementos em cena como o que evidencia a perspectiva e o tipo de plano - destacam-se pela singularidade de sua força expressiva, que a distingue e mobilizam e pelas opções técnicas que as individualizam. A contínua mudança de objetivas durante os eventos fotografados está associada à sensibilidade do fotógrafo e suas escolhas durante seu processo construtivo de imagens. Inflexível às questões de forma e estilo ele abandona as normas prontas do receituário em favor de uma prática voltada para a criação de imagens fotojornalísticas que despertam os sentidos para, logo após, motivar uma indagação sobre a maneira pela qual funcionam socialmente. (FÁVARO; 2011, Pág. 11)

2.1 O caminho do menino levado

Evandro Teixeira de Almeida nasceu em dia santo, dia importante. Foi em 25 de dezembro de 1935 que veio ao mundo o baiano que se tornaria tão notável quanto sua data de nascimento. Vando, como carinhosamente é chamado pelos familiares e mais próximos, é filho de Almerinda Teixeira de Almeida, a dona Nazinha, e de Valdomiro Teixeira, o Vavá, que se conheceram e casaram um pouco antes, em 1932 (MOREIRA; 2014, Pág. 22). Ele foi o segundo de um total de sete filhos do casal, mas três deles faleceram ainda bebês. Primogênito não na teoria, mas na prática, o menino foi ter seu

primeiro irmão, Joel, cinco anos mais tarde. Logo vieram Valdira e Edinália, apelidadas de Dadi e Nai, respectivamente. Todos os filhos nasceram no interior da Bahia, em Flores, que em 1944 passaria a receber o nome indígena de Irajuba.

Seu Vavá e dona Nazinha cuidavam de um pedacinho de terra que não podiam chamar de fazenda, mas criavam cabeças de gado para garantir o ganha pão de cada dia (MOREIRA; 2014, Pág. 23). Vavá ainda trabalhava em um açougue e em outra fazenda para aumentar o sustento. Como Nazinha não aceitava depender de marido nenhum, era religiosa com seus horários e afazeres, como cuidar da casa e dos filhos, costurar, criar cabra e engordar porcos para vender e manter seu próprio dinheiro (MOREIRA; 2014, Pág. 23).

Irajuba era um local simples e puro, mas nunca falhou em oferecer uma infinidade de aventuras aos filhos de Vavá e Nazinha, principalmente ao menino de veia fotográfica e jornalística. Evandro era chamado pelos vizinhos de *caburé*, um termo que é muito usado nas terras do sertão para chamar uma criança de levada (MOREIRA; 2014, Pág. 25). Ele sabia bem como deixar dona Nazinha de cabelo em pé. Bastava que ela ficasse um tanto distraída para ele fugir e continuar a arruaça pela vizinhança. E lá ia a mãe, de porta em porta, atrás do menino sumido e pronta para dar uma coça quando o achasse. Alguns vizinhos o protegiam, pois também se divertiam com as travessuras, mas havia quem reclamasse de tantas traquinagens com a dona Nazinha.

Ele vinha pra casa dessa vizinha, com um monte de coleguinhas dele, e ele pegava um pauzinho e passava no cocô de galinha, porque ela criava galinha. Depois passava no cabelo das meninas. Aí, a mulher ia lá em casa e falava 'Ó, dona Nazinha, vem cá. Olha, vai lá pegar o Vando que ele tá passando cocô de galinha no cabelo das meninas. Eu vou bater nele'. Aí eu pegava ele e levava pra casa. Era assim, desse jeito. Ele saltava a janela, eu tava lá no fundo da casa, e ia fazer brincadeira na casa dos vizinhos. Ele era muito levado.¹

Era bem nítido que Evandro não gostava de ter que lidar com o gado ou qualquer outro tipo de trabalho na roça. Isso desagradava muito seu pai, que gostaria de ver os

¹ Documentário: INSTANTÂNEOS da Realidade. Diretor: Paulo Fontenelle. Brasil, 2003. 76 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/fotojornalismo>> Acesso em: maio de 2016.

filhos levando o serviço adiante. O mais curioso é que dentre os bichos, um dos cavalos foi batizado como Kodak (MOREIRA; 2014, Pág. 33). Desde muito novinho essa conexão com a fotografia se mostrava aparente no menino. Quando completou 12 anos e começou a demonstrar mais interesse por imagens, Vando teve a ideia de montar um cinema improvisado.

- Eu construí uma caixa de cinema, de mais ou menos 40 ou 50 centímetros, com uma lente. Fazia um quadrinho, colocava uma lâmpada dentro da caixinha de madeira e pegava aqueles filmes. Pedia para trazerem fitas ou pedaços de filmes da capital. Era filme 4 por 4, sem continuidade. Botava os quadros, projetava e ia narrando, construindo um cenário. Eu mostrava dizendo que era cinema. O nosso cinema.

As projeções 'cinematográficas' eram realizadas na parede branca da escola onde Evandro estudava em Irajuba. As fitas eram trazidas de Salvador por aquele que acobertava suas travessuras, Antonio Reis, quando em visita à cidade grande para comprar utensílios para sua loja. A bilheteria era o próprio Evandro, que perambulava pelo meio do público, antes da exibição, a cobrar um trocado pela apresentação. (MOREIRA; 2014, Pág. 34)

Na época, o primeiro meio de comunicação com o qual Evandro teve contato foi o rádio, em sua era de ouro. Fascinado, ele passava horas a fio ouvindo as programações, fossem elas notícias, jogos de futebol ou festivais de música. Mas foi na primeira vez em que viu uma câmera fotográfica, vinda de São Paulo, de seu tio Arcelino, que Vando não conseguiu se conter de encanto e curiosidade. O menino desatinava a fotografar os animais na roça e os próprios familiares. Seu tio encheu a bola do sobrinho a correr atrás de oportunidades em outros lugares, porque acreditava que ele teria um futuro promissor com tanto entusiasmo que existia em seu coração.

Já começava a ficar claro o quanto o menino tinha inclinações para a comunicação, mesmo com tantas restrições de acesso aos meios midiáticos no local onde morava. A cada vez que Evandro ouvia as novidades no rádio, mais seu coração se enchia de curiosidade e ambição. O mundo de Irajuba começava a parecer minúsculo demais para seus desejos. Ele queria conhecer outros lugares fora dali, já vislumbrava ser jornalista e tinha convicção de que ainda ganharia o mundo, mesmo sendo sua família completamente desacreditada. Para eles, ele era só mais um pobre menino

sonhador. E esse menino sonhador, que conquistava toda a vizinhança com seu jeitinho, acabou ganhando a oportunidade de ir para Ipiaú, um centro comercial no sul da Bahia que estava se desenvolvendo a todo o vapor com a produção do cacau (MOREIRA; 2014, Pág. 37). Um dos produtores em Ipiaú que era amigo da família de Evandro e estava sempre em Irajuba percebeu a vontade do menino e ofereceu para levá-lo para o centro comercial. Dona Nazinha sabia da vontade do filho e apoiou a decisão. Meio a contragosto, seu Vavá, que nunca ia contra as vontades da esposa, autorizou que o menino fosse experimentar um pouquinho da cidade.

Saiu de casa desafiando a descrença do pai e apoiado pela mãe, que parecia ter veia de editora fotográfica. Dona Nazinha tinha o estranho hábito de recortar fotos com a tesoura de costura, decalcando fisionomias e enquadrando somente os elementos que a interessavam. Habilidade que Evandro aperfeiçoou com o tempo, aprisionando o instante em que a luz se faz fotografia. (MOREIRA; 2014, Pág. 15)

Uma vez na cidade, as dificuldades eram muitas, mas a família estava se dispondo a ajudar Evandro. Por conta de seu gosto e das experiências que estava tendo com fotografia, jornal e cinema e, claro, seu bom relacionamento com as pessoas, no início da década de 50, começou a colaborar no *Jornal Rio Novo*, que funcionava em um sobradinho no centro da cidade (MOREIRA; 2014, Pág. 42). O jornal contava com três pessoas, sendo Evandro um deles, e tinha apenas quatro páginas. Foi nesse momento de sua vida que Evandro acabou por conhecer Manoel Pinto, dentista e compositor famoso da Bahia com quem fez uma grande amizade. Através de Mapin, como carinhosamente o apelidava, foi apresentado a Walter Lessa, fotógrafo do *Jornal Jequié*, que acabou por se tornar seu primeiro tutor na arte de fotografar. O Baiano aprendeu bastante com Lessa e chegou a fazer um curso de fotografia por correspondência com José Medeiros, fotógrafo que muito admirava. Evandro começou a aprender que para haver fotografia de verdadeira qualidade não poderia faltar luz e não poderia faltar amor (MOREIRA; 2014, Pág. 43). E ele se mostrou muito bom nisso.

Evandro foi morar em Salvador e, em meio a seus estudos, também fez amizade com Teotônio Rocha, primo do cineasta Glauber Rocha. Ele era um tradicional fotógrafo também no *Jornal Jequié*. Graças à recomendação feita por Teotônio, Evandro foi capaz de encontrar o experiente Nestor Rocha para ensiná-lo ainda mais

sobre fotografia (MOREIRA; 2014, Pág. 48). A crescente vontade dentro do coração do aprendiz de fotógrafo de evoluir na área era visível para quem quer que o conhecesse. Seu entusiasmo e talento eram admiráveis. Essa vontade inabalável que sempre abria portas em seu caminho. Ter conhecido Nestor possibilitou a Evandro dar início, mesmo que de forma breve, à sua carreira como fotógrafo profissional e jornalista. Começou naquele momento a estagiar no *Diário de Notícias*, órgão dos *Diários Associados*, rede pertencente ao magnata das comunicações brasileiras, Assis Chateaubriand. (MOREIRA; 2014, Pág. 49)

Manoel Pinto, o Mapim, como o bom incentivador de Evandro que era, começou a estimulá-lo a ganhar a vida no Rio de Janeiro. O baiano ficava arredio. Para ele, que ainda acreditava ser inexperiente, não havia o que fazer na cidade que era o centro da efervescência no país. Era algo grande demais para um simples nascido no interior. O que ele poderia oferecer? Mesmo assim, Mapim continuou insistindo e garantiu que o recomendaria para dois amigos seus. Um deles era jornalista e chefe de redação de dois veículos que também faziam parte do *Diário dos Associados* (MOREIRA; 2014, Pág. 53). O outro era um dentista muito influente e poderia ajudá-lo com contatos. Mapim ignorou os medos de Vando e mandou as recomendações assim mesmo. E foi dessa forma, também ignorando um pouco de seus próprios medos, que o fotógrafo em ascensão voltou a sua vida para o Sudeste.

Evandro desembarcou no Rio em 1957. Do aeroporto Santos Dumont avistou os primeiros traços urbanísticos da metrópole. Atordoou-se com a quantidade de automóveis, a barulheira dos bondes, a pressa das pessoas.

- Três dias depois que cheguei ao Rio, quase voltei. Fiquei apavorado com o barulho. Dava dor de cabeça. Mas vim para ficar, queria vencer, e não voltar à Bahia. (MOREIRA; 2014, Pág. 54)

2.2 O caminho do fotojornalista

Evandro foi se acostumando ao estilo carioca de viver, alugou um apartamento na Avenida Nossa Senhora de Copacabana e, graças ao amigo jornalista de Mapim, conseguiu a chance de ser fotógrafo no *Diário da Noite*. Antes disso, precisou aguardar uns dias, a pedido do chefe de fotografia, Angelo Regato, para que surgisse uma vaga na redação (MOREIRA; 2014, Pág. 55). O baiano aproveitou para conhecer melhor o Rio

de Janeiro, mas o dinheiro que sua família havia lhe dado para ajudar no sustendo estava acabando e ele precisava trabalhar. Acabou entrando em contato com o outro amigo de Mapin, o dentista, e conseguiu um emprego em uma construtora, realizando serviços administrativos, mas diariamente procurava saber da vaga no jornal (MOREIRA; 2014, Pág. 56). Seria fotógrafo de qualquer jeito.

Quando chegou sua chance, ele foi testado pelo diretor, já que Evandro estaria entrando no lugar de um tradicional fotógrafo que era o “santo casamenteiro” do jornal e estava se aposentando. A responsabilidade era grande. Evandro teve que ir atrás de igrejas para cobrir alguns casamentos, conforme o diretor havia pedido. Ele podia fotografar o casamento que quisesse. Podia ter pobre, podia ter rico, só não podia ter preto na foto (MOREIRA; 2014, Pág. 56). E lá foi Evandro.

Ao que parecia ninguém naquele dia tinha resolvido casar. A dificuldade aumentava. Somente no final do dia, Evandro encontrou uma igreja na Gávea, onde se casavam uma loira e um negro. “Quando entrei na igreja, me deparei com uma loira, tipo alemã, casando com um negro de cabelos black power. E agora, clico ou não clico?” (MOREIRA; 2014, Pág. 57) Seu instinto falou mais alto. Fez várias fotos do casamento e levou para a redação. Explicou para o laboratorista a situação, o qual tratou de dar um jeito na revelação das imagens para deixar o negro branco. Mais tarde, Angelo foi chamado à sala do diretor para ouvir um sonoro “Demite, que o baiano é burro!” (MOREIRA; 2014, Pág. 58). O chefe de fotografia tratou de acalmar Evandro e pediu para que voltasse em alguns dias para tentar se redimir.

Sua segunda chance foi dentro do Teatro Municipal, no Rio, para fotografar um desfile de fantasias. Evandro chegou a ficar emocionado quando se deparou com tamanha beleza dentro do Teatro. “Tremi na base”². Estava todo bem arrumado, com sua câmera na mão, mas, infelizmente, sem muito sucesso na missão da vez. Não conseguiu chegar perto do local do desfile, se perdeu e acabou não fazendo nenhuma foto decente. Depois de explicar a burrada para Angelo, o colega o acobertou mais uma vez e não contou nada para o diretor, até porque poderia ser prejudicado também.

‘Baiano, seu merda, o que que eu vou fazer? Vamos lá no Cruzeiro.’
Fomos lá no Cruzeiro, que era nosso, do Chateaubriand, e ficava muito mais a frente, no outro prédio. Não ficava no nosso prédio não.

² TEIXEIRA, Evandro. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 30 de abril. 2016.

‘Vamos pegar umas fotos lá.’ Aí, pegamos umas fotos. ‘Não carimba!’ Que era pro homem não saber que as fotos não eram minhas.³

Eles usaram as fotos da revista *O Cruzeiro* no jornal e Angelo deu seu próprio ultimato a Evandro. O baiano deveria acompanhar o desfile das escolas de samba no dia seguinte, na Avenida Rio Branco. Isso sim foi certo e inesquecível. Evandro chegou na redação com nada menos do que um belíssimo ensaio fotográfico que era a cara do carnaval carioca, sem botar defeito. Agora sim. Fincou de vez seus pés em um dos maiores veículos de comunicação do Rio de Janeiro.

Passados quatro anos de experiência dentro do *Diário da Noite*, no fim de 1961, Evandro estava se tornando conhecido no meio jornalístico devido ao seu bom trabalho e também por conta de seu excelente profissionalismo. Não foi à toa que o editor de fotografia do *Jornal do Brasil*, jornal que pautava toda a imprensa brasileira (MOREIRA; 2014, Pág. 63) convidou o baiano para trabalhar no veículo. Mais uma vez, assim como quando foi confrontado por Mapin a morar no Rio de Janeiro e fazer carreira, Vando não quis dar o braço a torcer, de início, alegando que ele não era o tipo de pessoa preparada para trabalhar num lugar de elite como o *JB*. No entanto, no fundo, sabia que queria ir para lá. Como forma de se preparar para uma possível transferência para o *JB*, Evandro pediu demissão do *Diário da Noite* para estagiar na revista *O Mundo Ilustrado*, que era um produto do *Diário de Notícias*, onde já havia estagiado lá na Bahia (MOREIRA; 2014, Pág. 63). Tomou essa atitude pensando em somar mais habilidade e experiência na cobertura de eventos maiores. Não deu em outra. Evandro cobriu dois grandes acontecimentos: um terrível terremoto no Peru que matou muitas pessoas e, no mesmo ano, 1962, fotografou a Copa do Mundo no Chile, onde teve o privilégio de conhecer Pelé e Garrincha.

Foi minha primeira Copa do Mundo de Futebol. Conheci o Garrincha, conheci o Pelé. Vi o Garrincha jogar. Tem uma história muito engraçada do Garrincha. O Brasil foi campeão em 62 lá no Chile. E, naquela época, era costume da imprensa, dos fotógrafos, entrar no vestiário dos jogadores e ver os jogadores nus. Eu me lembro que tem até uma foto do Pelé com o Kennedy. O Pelé nu e o Kennedy

³ TEIXEIRA, Evandro. Entrevista concedida à autora. Rio de Janeiro, 30 de abril. 2016.

visitando o Pelé no vestiário. E a Elza Soares estava tentando entrar no vestiário. Nós levamos a Elza Soares e foi ali que ela conheceu o Garrincha. O romance da Elza Soares com o Garrincha surgiu dentro do vestiário da Copa do Mundo do Chile de 62.⁴

Depois de mais de um ano ainda sendo cobiçado pelo *Jornal do Brasil* e sem ter certeza se iria o não, Evandro cedeu ao desafio e realizou a sua transferência para a maior escola de jornalismo do país, sonho de muitos. Na época em que entrou, o jornal estava se modernizando e muito de seu layout estava sendo modificado. Uma das grandes mudanças ocorridas foi o maior destaque que passou a ser dado às fotografias, coisa que nenhum jornal fazia. Como Evandro vinha de uma revista, onde esse destaque era muito mais normal, pode se manter fiel ao seu estilo fotográfico. O sentimento que o baiano teve desde que colocou os pés na redação do *JB* foi de profundo respeito e fascinação (MOREIRA; 2014, Pág. 71).

Em 1963, Evandro, galanteador que era, conheceu a bela moça que viria a ser sua esposa. Em um clube em Copacabana, acompanhado de um de seus grandes amigos Procópio, o baiano conheceu Marly Souza Caldas e deu adeus ao seu histórico de namoricos passageiros e do seu estilo Don Juan. Foi fisgado de vez. Em apenas dois meses de namoro, o casal oficializou a união. No mesmo ano, em setembro, nasceu Carina, a primeira filha. Mais tarde, em março de 1968, viria ao mundo a caçula Adryana. Foi um ano de felicidade para a família de Evandro, mas, ao mesmo tempo, de chumbo para todo o país.

Entre os anos de 1950 e 1970, a imprensa brasileira passou por intensas mudanças em sua estrutura. O *Jornal do Brasil*, criado, então, em 1981, foi um dos jornais que passou por uma das reformas mais significativas, talvez a mais profunda e eficaz de todas. O aumento nas tiragens do *JB*, em 1956, chegou a cerca de 40%, superando o *Correio da Manhã*, que na época era o maior matutino do Rio de Janeiro. As mudanças incluíam novas técnicas de gestão, para restaurar a organização empresarial, e novas técnicas de marketing, com a intenção de renovar as estratégias de circulação (RIBEIRO; 2007, Pág. 155). Entre as décadas de 50 e 60, o *JB* foi considerado o verdadeiro símbolo do processo de modernização da imprensa escrita e, por conta disso, teve muita influência política nessa época (ZAYAT; 2012, Pág. 12).

⁴ Documentário: INSTANTÂNEOS da Realidade. Diretor: Paulo Fontenelle. Brasil, 2003. 76 min. Disponível em: <<https://vimeo.com/fotojornalismo>> Acesso em: maio de 2016.

Com a reforma pela qual passou, o *JB* foi um dos primeiros jornais no Brasil a adotar o discurso da imparcialidade, da transmissão objetiva e impessoal da informação separada dos comentários opinativos. O discurso de que o jornalismo apenas espelha o mundo e de que o jornal é uma representação fiel da realidade faz com que os jornais ganhem legitimidade e o poder simbólico de traduzir o mundo para o leitor. (ZAYAT; 2012, Pág. 24)

No período de ditadura no Brasil, a partir de 1964, o *JB* foi um jornal que, sempre que pode, fazia o possível para que o povo soubesse o que estava acontecendo no país com a cabível transparência. O posicionamento do jornal, desde o início do golpe, foi de permanecer contrário às mudanças que se sucediam e favorável à normalidade democrática. Na edição do dia 4 de abril, o jornal escreveu o seguinte:

Nada agora pode ser mais urgente do que a substituição do poder transitório pelo poder constitucional permanente, em sua plenitude e normalidade. Este é um dever sagrado da liderança revolucionária, militar e civil, para com as inspirações legalistas do movimento vitorioso e para com as justas ânsias de tranquilidade do povo. (ZAYAT; 2012, Pág. 38)⁵

O período que viria a ser mostrar marcado por muita dureza política e insatisfação populacional marcou também um dos auge da carreira de Evandro Teixeira, mesmo em meio a muitas dificuldades. Assim como foi complicado para ele, foi para milhares de jornalistas, fotojornalistas, estudantes, para toda a nação. A evidente diminuição da liberdade de expressão da população de forma geral e da própria imprensa começou gradual e se tornou esmagadora. E, como fotógrafo do jornal e condizente com o posicionamento editorial, Evandro estava sempre preparado para realizar seus disparos fotográficos contra a ditadura.

Sua primeira foto deste período que viria a se tornar icônica foi clicada no Forte de Copacabana, quando houve a tomada. O fotógrafo conseguiu se passar por soldado e adentrou o forte empunhando sua câmera de maneira discreta. Lá dentro, acreditaram

⁵ Ver anexo I.

que, de alguma forma, Evandro era fotógrafo dos militares e assim conseguiu alguns cliques, inclusive com Castelo Branco, mas logo tratou de ir embora.

A imagem que mostra a tomada do Forte de Copacabana pelos militares em 31 de março de 1964 é um retrato direto e realista das primeiras ações do regime militar já no poder. A opção de captar a imagem em contra luz (que realça a chuva construindo um perfeito panorama simbólico) e um excelente enquadramento que conduz o receptor a relação discursiva com o tempo, determina uma ideia de um passado que retorna, nesse caso, nos remetendo a época da Segunda Guerra Mundial e seus regimes ditatoriais, sintetizando os dias difíceis que viriam. (FÁVARO; 2011, Pág. 04)⁶

Daí em diante, os anos foram se tornando mais difíceis. Os episódios de junho de 1968, que incluem a Sexta-Feira Sangrenta e a Passeata dos Cem Mil, foram um dos momentos mais tensos entre os estudantes e os militares. As fotografias feitas por Evandro no centro da cidade do Rio de Janeiro eram a prova do horror que se instaurava no país. E mesmo neste cenário conturbado em busca de boas fotografias, “Evandro consegue escapar das patrulhas e violências policiais, rompe com clichês e constrói um trabalho de impressionante realismo, com efetiva significação imagética e imagens sobrepujadas de intensa intertextualidade” (FÁVARO; 2011, Pág. 08). O fotógrafo fugia da cavalaria, das bombas de lacrimogênio e dos porretes com frequência, assim como todos que manifestavam, e chegou a presenciar a morte de um estudante de medicina que bateu sua cabeça no meio fio enquanto corria de dois policiais. Ele fez a foto logo antes do rapaz morrer. Evandro conta:

- Foi um dos dias mais sangrentos que o Rio de Janeiro viveu. O *JB* foi fechado à bala. A polícia começou a atirar e a fechar as portas. O que mais me impressionou foi aquele estudante de medicina batendo com a cabeça no meio fio, em frente ao Theatro Municipal, e caindo morto. Ele deu um berro horroroso, chocante. Fiz a foto num único fotograma, e não deu tempo pra mais nada porque os policiais vieram pra cima de mim. Foi horrível. (MOREIRA; 2014, Pág. 85)⁷

Era comum o jornal ser censurado e não ter a autorização de publicar algumas imagens, como aconteceu quando Evandro fotografou a passeata dos Cem Mil. Uma de

⁶ Ver anexo II.

⁷ Ver anexo III.

suas fotografias registrava uma multidão reunida, estendendo uma grande faixa com os dizeres “Abaixo a ditadura. Povo no Poder”⁸.

Pior do que a ditadura no Brasil foi o golpe no Chile, que Evandro também cobriu. O baiano passou 20 dias no país que passou por um período de massacre histórico, somando 2.279 mortos e 1.102 desaparecidos (MOREIRA; 2014, Pág. 95). Também foi Evandro o único a fotografar Pablo Neruda morto no Chile. Sem dúvida, essa foi uma das situações que mais emocionou o fotojornalista em sua carreira. Assim que voltou ao Brasil, ainda precisou lidar com um acidente que matou seu pai e deixou sua mãe hospitalizada. Foram momentos intensos em sua vida.

Em sua carreira, Evandro ainda fez muitas coberturas. Fossem elas corriqueiras ou especiais, ele não distinguia. Estava ali para o que desse e viesse. Não deixou em nenhum momento a fama ou o prestígio lhe subirem à cabeça. A redação do *JB* não hesitava em chamá-lo, mesmo na hora mais inoportuna. Sabiam que ele aparecia prontificado e louco para bater mais umas fotos.

Por conta de muitas vezes ser insistente em ir de encontro a situação política no período da ditadura, o *Jornal do Brasil* perdeu muito faturamento na época do golpe. Esse foi o prelúdio de períodos piores que o jornal passaria. Durante a década de 1980, as dificuldades financeiras, erros de gestão e falhas de planejamento pioravam ainda mais a situação do veículo (MOREIRA; 2014, Pág. 108). Mesmo assim, durante duas décadas, o *JB* segurou o tranco, mesmo não tendo mais o mesmo prestígio.

O JB viu as trevas se abaterem sobre o país, mas acabou vendo também o renascimento da luz. Foi testemunha, sempre, e muitas vezes vítima dos acontecimentos. Desagradou a uns e a outros. Em 61, foi censurado pelo governo Carlos Lacerda e em 64 teve sua sede militarmente invadida pelos fuzileiros navais do governo de Jango; sofreu incontáveis ações de arbítrio e, de dezembro de 68 a janeiro de 69, circulou sob censura prévia; enfrentou censores na redação, sofreu um implacável boicote econômico, teve diretores e editores presos em pelo menos duas ocasiões e deixou de circular duas vezes como protesto - em 29 de agosto de 61, quando 90% de seu material foi censurado pelo governo estadual de Carlos Lacerda; e no dia 15 de dezembro de 68, quando um de seus diretores, o embaixador Sette Câmara, foi preso pelos militares. (VENTURA apud ZAYAT CHAMMAS, 2012, p.26)

⁸ Ver anexo IV.

O JB perdeu importância e influência ao longo dos anos de 1970 para o jornal O Globo e para os jornais de São Paulo - principalmente Folha de S. Paulo. Permaneceu sob o comando da família Nascimento Brito até 2001, quando foi vendido, em grave crise financeira e com circulação decrescente, para o empresário Nelson Tanure. Entre 2003 e 2007, suas vendas voltaram a aumentar, mas de 2007 a 2010 caíram drasticamente. (ZAYAT; 2012, Pág. 105)

Na corrida para não perder a concorrência que crescia, como era o caso do jornal *O Globo*, o *JB* ainda pegou empréstimos e, aos poucos, precisou vender andares do prédio em que funcionava para quitar dívidas. Já nos anos 2000, precisamente em 2007, o jornal ofereceu a Evandro o lugar de editor de fotografia. E ele seria o último. Em 14 de junho de 2010, *O Globo* foi que informou o fim do *JB*.

Três dias depois, em 17 de junho, o departamento de marketing preparou anúncio de página dupla para comunicar que o ‘*O JB* migra do papel para o online e entra para a modernidade’. Nos 45 dias seguintes, propagandas semelhantes ocuparam página inteira ou dupla do diário. Em uma delas, a divulgação de 50 itens que, segundo a direção, motivavam o fim do *JB* impresso. Sequer um texto explicativo. Optaram pela publicidade em vez de jornalismo. (MOREIRA; 2014, Pág. 164)

Evandro sentia-se perdido. Não conseguia se imaginar trabalhando em qualquer outro lugar. Ele estava lá há quase 50 anos. A dúvida agora era se continuava nessa nova fase online, sem ao menos saber o quanto seria ou não tão útil ou se desistia e se aposentava de uma vez. Na última semana que o *JB* teve seus impressos em circulação, Evandro optou pela demissão, o que chocou. Não queriam que ele desistisse, mas a decisão já havia sido tomada. O baiano aceitou que nada seria mais como havia sido e essa era a realidade. Um dos jornalistas mais importantes do Brasil e o último editor de fotografia do consagrado jornal impresso do país se retirava de cena, mas deixava um vasto legado para a história e para o fotojornalismo.

3. ROTEIRO DE PRODUÇÃO

Todo o processo de elaboração do projeto, envolvendo pesquisas bibliográficas, pesquisas sobre a vida do personagem, escrita, gravação, edição e conclusão levou do mês de janeiro ao mês de julho de 2016. Ao longo deste semestre, contei com a ajuda crucial de principalmente três pessoas para a produção e finalização: Prof. Dante Gastaldoni, que me forneceu as informações iniciais de contato com o Evandro Teixeira, Taisa Martins, que me auxiliou durante as gravações, e João Vitor Figueira, responsável pela trilha original.

O videodocumentário foi desenvolvido com base em uma entrevista feita na casa do próprio Evandro, no Rio de Janeiro. A filmagem com o fotógrafo levou cerca de duas horas e rendeu material suficiente para a confecção de um produto final com duração de dezoito minutos.

3.1 Produção

O professor de Fotojornalismo da Escola de Comunicação da UFRJ, Dante Gastaldoni, que trabalhou com Evandro Teixeira no Jornal do Brasil, forneceu as informações iniciais sobre o colega. Uma vez com números de telefone e endereço de residência em mãos, parti para o próximo passo.

Logo na primeira tentativa, Evandro atendeu ao meu telefonema e mostrou-se muito solícito. Expliquei que se tratava de um videodocumentário idealizado por mim como trabalho de conclusão na faculdade e que, portanto, precisaria de uma entrevista filmada para colocá-lo em prática. Como estava acabando de chegar de uma viagem, pediu para que eu entrasse em contato novamente com ele somente na semana seguinte, pois já teria sua agenda mais bem organizada para que pudéssemos marcar uma boa data para ambos. Assim decidido, entrei em contato mais uma vez e combinamos uma manhã de sábado dali a três semanas em sua própria residência, no bairro da Gávea, Rio de Janeiro. Como solicitei ajuda de uma amiga para realizar a filmagem, dei preferência a um final de semana, pois acreditei que seria mais provável que todos estivessem disponíveis. A data foi aceita e acertada com muita tranquilidade.

A pedido do próprio Evandro, permaneci entrando em contato com ele via telefone e e-mail toda semana para continuamente lembrá-lo do dia e hora de nosso encontro. Por conta dos convites e das muitas pessoas que solicitam sua presença com

frequência para demais compromissos, ele não queria correr o risco de se confundir e marcar outro evento na data combinada.

Toda a entrevista foi dirigida e conduzida por mim. Organizei antecipadamente uma espécie de roteiro com cerca de 20 perguntas que abrangiam desde a infância de Evandro até seus métodos e opiniões acerca do mundo como fotógrafo, e suas técnicas de trabalho. Como se trata de um documentário, um roteiro detalhadamente organizado não se fazia necessário, já que o decorrer da filmagem poderia levar a outras perguntas e assuntos, como aconteceu. A conversa foi bastante informal, dando margem a todo tipo de comentário. Em dado ponto, o roteiro deu lugar a um diálogo que fluiu com bastante naturalidade e rendeu bastante conteúdo.

Cronograma

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho
Elaboração do Projeto	X	X					
Pesquisa de Personagem	X	X					
Gravações				X		X	
Trilha							X
Edição						X	X
Conclusão							X
Pesquisa Bibliográfica	X					X	
Entrega							X
Defesa							X

3.2 Gravação e Captação de Imagens

A filmagem da entrevista foi realizada no escritório do Evandro por sugestão do próprio, já que é o local onde se encontra a maioria de seus trabalhos e projetos. Foram levadas duas câmeras e dois tripés, mas apenas um dos tripés acabou sendo utilizado.

A primeira câmera foi uma Canon 60D, com lente de 50mm. Esta ficou apoiada no tripé para fazer imagens fixas de toda a conversa. O tipo de enquadramento foi predominantemente de plano fechado (close-up). A segunda câmera foi uma Nikon D3100, também com uso de uma lente 50mm. Ela foi usada para fazer imagens de detalhes do ambiente em que estávamos e do próprio Evandro como material de apoio. Foi assim pensado para auxiliar no dinamismo da entrevista no momento da montagem e edição do conteúdo. Como a proposta é contar a história de vida do fotojornalista, nada mais condizente do que mostrar closes de seus gestos que dão ainda mais expressão ao conteúdo.

Foram levados quatro cartões de memória, sendo um deles com oito gigabytes e os demais com dezesseis gigabytes cada. Todos ficaram cheios e houve necessidade de um deles ser esvaziado no notebook que levamos conosco. Dessa forma, pudemos reutilizar o cartão e concluir a entrevista no espaço em questão.

Não foi utilizado nenhum método próprio de iluminação.

3.3 Som

Uma lapela simples, colocada na gola da blusa do Evandro, foi utilizada em função de captar o áudio da entrevista. O fio do microfone estava conectado a um notebook que se posicionava ao lado dele. Um software de áudio denominado *Audacity* foi usado continuamente para realizar a gravação. Propositalmente, a preocupação era apenas com a fala do Evandro e não com a minha como entrevistadora.

3.4 Roteiro de Edição

As imagens filmadas renderam originalmente uma hora e cinquenta e cinco minutos de conteúdo e o documentário pronto teve dezoito minutos e cinquenta e dois segundos de duração. O programa de edição de imagens utilizado para desenvolver o trabalho foi o *Avid Media Composer*, da Sony. Toda a edição foi realizada por mim. Comecei a sincronizar as câmeras e os áudios e a decupar as imagens no editor durante o mês de junho. Levei duas semanas do mês de julho para finalizar a montagem e refinar o conteúdo conforme tinha novas ideias.

As fotografias que foram utilizadas como ilustração no videodocumentário, e que fazem parte do acervo de Evandro Teixeira, foram retiradas da internet e também

escaneadas do livro *Retratos do Tempo – 50 Anos de Fotojornalismo*, uma vez que o próprio fotógrafo nos autorizou a usar suas imagens livremente ⁹.

A montagem também foi conduzida com base na trilha sonora original composta por um amigo músico, João Vitor Figueira. A composição foi feita com auxílio de violão e posteriormente gravada com uma guitarra elétrica pelo próprio João, uma vez que ele não possuía local adequado, como um estúdio, para fazer a gravação acústica da música em violão sem interferências sonoras externas. No entanto, optou-se pela versão gravada como rascunho, em violão, mesmo com suas interferências e improvisos. Esteticamente, escolhi tal versão por achar que combinava mais com a intenção do videodocumentário.

⁹ Ver anexo V.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento e realização deste projeto se fez de extrema relevância, uma vez que Evandro Teixeira é considerado um dos maiores fotógrafos da atualidade e, mais, ele é brasileiro. Um dos pontos importantes deste trabalho foi o de lembrar o quanto temos um país rico de talentos e que eles devem, incansavelmente, ser valorizados. Evandro é uma joia rara e a história de sua vida está aí para inspirar aqueles que correm em busca da fotografia, fotojornalismo e jornalismo como estilo de vida. E serve também para exemplificar o quanto esse é um Brasil de pessoas que deixam a sua marca na história mundial.

Outro ponto de destacada importância que esse projeto vem demarcar é o quanto a profissão de fotógrafo é vital para o jornalismo e para os meios de comunicação e o quanto o profissional passa por um árduo caminho para conseguir muitas de suas fotografias. Serve para confirmar o quanto uma fotografia não é simplesmente um clique, mas um conjunto de coragem, ousadia, visão, sorte, talento, empenho e mais uma significativa quantidade de situações que fazem do fotojornalista quem ele é e da sua fotografia peculiar ao retratar um determinado momento de precisão.

Por meio do conhecimento da trajetória de vida de Evandro, conseguimos entender com clareza a importância da fotografia na imprensa e na vida das pessoas, talvez com a mesma intensidade. A fotografia fez e continua a fazer história. Percebemos que o trabalho do fotojornalista veio para confirmar isso de forma impactante. Uma coisa, antes, era você saber das notícias. Outra, completamente diferente, era você passar a ver a notícia. As ilustrações fotográficas se tornaram essenciais e, conseqüentemente, mais essencial ainda se tornou a presença do fotógrafo nas redações, bem como sua participação editorial.

Tomar ciência da vida de Evandro Teixeira é passar instantaneamente a dar mais valor ao trabalho do fotógrafo, que hoje em dia, por conta das facilidades para se tirar fotos, tem sido encarado como um serviço banal e isso é inaceitável. Os verdadeiros fotógrafos e fotojornalistas estão aí dando sangue e suor e precisam ser valorizados. É emocionante e inspirador demais ver o trabalho de Evandro e perceber que ele não está sozinho, pelo contrário. A quantidade de pessoas que doam suas vidas por conta do fotojornalismo não está à frente de nossas vistas, mas está à frente de nossas vistas suas

notáveis fotografias que diariamente nos ilustram os acontecimentos pelo mundo. E como elas fazem falta quando não estão lá.

Evandro consegue passar a paixão de sua vida em suas palavras. E fica apaixonado que as ouve. Conhecer sua caminhada de vida é, certamente, de uma riqueza humana, espiritual, intelectual e profissional sem precedentes. Aquele que tem o privilégio de conversar cara a cara com esses oitenta anos de puro talento e sabedoria, no mínimo terá sua sensibilidade de mundo triplicada.

Escolher o Evandro como tema de finalização da minha faculdade de jornalismo não poderia ter sido mais coerente, certo e emocionante. Com a escolha desse tema, termino meus estudos certa de que não poderia ter honrado de melhor forma minha caminhada jornalística até aqui.

5. REFERÊNCIAS

Artigos

CAMPOS ANTUNES, Luiza. **Panorama do Fotojornalismo - Análise das fotografias de Evandro Teixeira.** Viçosa, 2007. Disponível em: <http://www.com.ufv.br/pdfs/tccs/2007/2007_luizaantunes_fotoevandroteixeira.pdf>.

Acesso em: 06 de maio de 2016.

FÁVARO, Armando. **Ditadura Militar – Foto: Evandro Teixeira/JB.** VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Guarapuava, 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Ditadura%20Militar%202013%20Foto%20Evandro%20TeixeiraJB.pdf/view>>

Acesso em: 07 de julho de 2016.

ZAYAT CHAMMAS, Eduardo. **A Ditadura Militar e a Grande Imprensa: Os Editoriais do Jornal do Brasil e do Correio da Manhã entre 1964 e 1968.** São Paulo, 2012. Disponível em:

<file:///C:/Users/botel/Downloads/2012_EduardoZayatChammas.pdf> Acesso em: 25 de junho de 2016.

Filmes

INSTANTÂNEOS da Realidade. Diretor: Paulo Fontenelle. Brasil, 2003. 76 min.

Livros

COSTA MOREIRA, Silvana. **Evandro Teixeira: Um certo olhar.** 7 Letras, 2014.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

LIMA, Ivan. **Fotojornalismo brasileiro: Realidade e linguagem.** Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950.** Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

TEIXEIRA, Evandro. **Evandro Teixeira: Retratos do tempo – 50 anos de fotojornalismo.** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

TEIXEIRA, Evandro. **Evandro Teixeira: Fotojornalismo.** Rio de Janeiro: JB, 1983.

TEIXEIRA, Evandro. **1968 Destinos 2008: Passeata dos 100 Mill.** Rio de Janeiro: Textual, 2007.

Site

JORNAL DO BRASIL. News Archive. Acervo Digital. Disponível em:
<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19920614&b_mode=2&hl=pt-BR> Acesso em: maio de 2016.

II

JORNAL DO BRASIL

Diário de Notícias - Fundação 2 de Abril de 1934

Ano XXXII - Nº 71

FUZ. ATÉ PERDIDO DA MIRA



Dispara-se o canhão, em silêncio da Escholtz contra a almirante, durante as comemorações da vitória

VITÓRIA ESTÁ NAS RUAS



18 Cidadãos vão à rua para comemorar vitória sobre Getúlio

GOULART RESISTE NO SUL E O CONGRESSO EMPOSSA MAZZILLI

O CASINO DA REVELAÇÃO



Em tempo noturno os automóveis vão à rua e a polícia se dispersa

A FORÇA DA RESISTÊNCIA



O Comendador mostra sempre preparado para o pior

O FOGO DO POVO



Pedrarescação destruiu a sede do URG, desafiando a polícia

A FURIBANDA QUEM



Troças de Resistência marcham no Rio Grande, seguem-se a capital à frente por falta de suprimento de pólvora de Góes Filho

Monte e resistir mesmo nos momentos de maior tensão, a de resistência que tem sido a característica dos brasileiros desde a Revolução de 1934, quando se iniciou a luta pela liberdade e a democracia. Essa resistência é a força que impede o avanço do autoritarismo e a garantia da liberdade de expressão e de pensamento. É a força que mantém viva a chama da liberdade e da justiça social.

Em meio a essa resistência, o Congresso Nacional desempenha um papel fundamental. Ele é o órgão que representa o povo e deve lutar pela defesa dos seus interesses. No momento atual, o Congresso enfrenta grandes dificuldades, mas a resistência do povo brasileiro é a garantia de que ele não será derrotado.

Confiança e saúdo

Apesar das dificuldades, há uma grande confiança e saúdo no povo brasileiro. A resistência é a força que mantém viva a chama da liberdade e da justiça social. É a força que impede o avanço do autoritarismo e a garantia da liberdade de expressão e de pensamento.

Prisão de Jurema e Arruda

Dois nomes importantes da resistência foram presos recentemente. Jurema e Arruda são líderes da luta pela liberdade e a democracia. Sua prisão é uma afronta à liberdade de expressão e de pensamento.

Envolvimento da povo

O povo brasileiro está cada vez mais envolvido na luta pela liberdade e a democracia. A resistência é a força que mantém viva a chama da liberdade e da justiça social. É a força que impede o avanço do autoritarismo e a garantia da liberdade de expressão e de pensamento.

Em meio a essa resistência, o Congresso Nacional desempenha um papel fundamental. Ele é o órgão que representa o povo e deve lutar pela defesa dos seus interesses. No momento atual, o Congresso enfrenta grandes dificuldades, mas a resistência do povo brasileiro é a garantia de que ele não será derrotado.

IV



Fonte: TEIXEIRA, Evandro. **Evandro Teixeira: Retratos do tempo – 50 anos de fotojornalismo**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015. P. 56.

V

AUTORIZAÇÃO DE USO E CESSÃO DE DIREITO DE EXIBIÇÃO DE IMAGEM

Eu, EVANDRO TEIXEIRA,
portador (a) de cédula de identidade 1555.418 1FR, CPF de nº
02247082/15, autorizo Viviane Botelho Louro Pereira, portador (a) de
cédula de identidade 26.433.318-8, CPF de nº 147.600.827-27, a **gravar em vídeo** e veicular
minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins didáticos, de
pesquisa, festivais de cinema e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e
restrições.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmo fins, a cessão de
direitos de veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Rio de Janeiro, 30 de Maio de 2016

Ass. _____